

## **Guerra, família e correspondências (elite farroupilha, 1835-1845)\***

Carla Adriana da Silva Barbosa

Aluna do Mestrado do PPG de História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos /  
UNISINOS e bolsista CNPq

**Resumo:** Estudar as relações familiares da elite farroupilha é entender a sociedade sul-riograndense do século XIX, pois a família neste período ocupava uma posição dominante como uma instituição social, comercial e política. Através da análise de dois casais, procurou-se entender algumas formas de organização familiar entre esta elite. Este grupo era formado por famílias que atuavam em diferentes áreas: da pecuária extensiva, do comércio até das atividades políticas e militares. Neste contexto condicionado pela instabilidade da guerra, tanto homens quanto mulheres ocupavam importantes papéis familiares e entre os casais havia uma grande relação de confiança e parceria. Além disto, existia uma atenção ao futuro dos filhos, mostrada na preocupação de seu aprendizado e nas tentativas de manutenção dos bens materiais e simbólicos pertencentes a estas famílias.

**Palavras-chave:** família, elite, século XIX.

Entre os anos 1835 e 1845, eclodiu ao sul do Império brasileiro uma guerra de proporções políticas, econômicas e sociais, conhecida como Guerra dos Farrapos. Durante este tempo, famílias foram separadas, casais deixaram de conviver, muitos parentes e amigos morreram em batalhas. O afastamento, no entanto, nos legou correspondências nas quais encontramos uma variedade de informações a respeito do cotidiano de homens e mulheres da elite farroupilha no período deste conflito, como no caso dos casais Domingos José de Almeida /Bernardina Barcellos de Almeida e Antônio Vicente da Fontoura/ Clarinda Porto da Fontoura. Esta elite é entendida como um grupo que tem sua formação a partir de alguns criadores, charqueadores e comerciantes, que participaram ativamente da guerra farroupilha, onde, a maioria destes eram incumbidos das principais decisões sobre as questões políticas e militares. Através destas correspondências se pode perceber como esse tempo de luta afetou suas vidas e quais as formas que estes sujeitos, com a ajuda de seus familiares e da comunidade, tentaram sobreviver ao período de guerra. Incorpora-se também a esta

---

\* Artigo escrito para o IX Encontro Estadual de História da ANPUH - Vestígios do passado: a história e suas fontes.

investigação a posição ocupada pelas mulheres desse extrato social nas famílias e na sociedade e como estes casais, enquanto elementos associados se relacionavam entre si e com seus filhos.

Para analisar as correspondências entre os casais da elite farroupilha, foi necessário entender a organização das famílias a que estavam ligados estes sujeitos. Primeiramente, podemos ver uma família nuclear composta de pai, mãe e filhos. Contudo, não é possível analisar esta família, sem vinculá-la a outros núcleos familiares associados, já que estes sujeitos da elite estavam extremamente ligados, tanto por alianças como por parentelas consanguíneas ou não-consanguíneas, formando assim, o que Giovanni Levi<sup>1</sup> denomina de “núcleo parental”. Este “núcleo parental” foi muito importante no período da guerra, pois era ele que abrigava os parentes que se deslocavam de suas estâncias e charqueadas, onde havia perigo eminente, e também auxiliavam contribuindo com meios de subsistência.

Dessa forma, o casamento não figurava apenas como uma aliança entre duas pessoas, mas entre toda uma parentela. O casamento era na verdade, visto como:

(...) uma instituição social determinada pela cultura, é o complexo das normas sociais que definem e controlam as relações de um par, unido um com o outro, com seus parentes, com sua prole e com a sociedade em geral. É através do casamento que são definidos todos os direitos institucionais e sociais, deveres, privilégios e imunidades do par como marido e mulher. É ele, também, que determina a forma e atividade da associação conhecida como família<sup>2</sup>.

O casamento teve sua origem como um contrato civil<sup>3</sup>, sendo uma instituição básica para a transmissão de bens e originário de acordos familiares e não da escolha pessoal do cônjuge. A dinâmica de alianças e da própria família era influenciada pelas relações entre os cônjuges e a consecução dos projetos e estratégias familiares passavam por estas relações conjugais, como ainda pela relação entre os pais e os filhos. Ainda havia a preocupação com

<sup>1</sup> LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial*. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVIII. Tradução Cynthia Marques de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, pp.98-99.

<sup>2</sup> HOEBEL, L. Adson, FROST, Everett L. *Antropologia Cultural e Social*. São Paulo: Cultrix, 1999, pp.176.

<sup>3</sup> Só tornou-se um sacramento na Europa em meados do século XIX. PRIORI, Mary Del. *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005, pp. 27.

deveres e obrigações com o “núcleo parental” e com a comunidade que os cercava. Devemos pensar que havia uma espécie de “endogamia social” nesta elite. Homens e mulheres casavam-se com seus “iguais”, não somente por haverem questões materiais, como bens e patrimônio, mas porque era com quem conviviam a maior parte de seu tempo.

Quanto aos sujeitos analisados, começemos por Domingos José de Almeida, que nasceu a 09 de julho de 1797, na freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Serro Frio, no Arraial do Tijuco (hoje Diamantina), Minas Gerais. Era filho do moleiro Domingos José de Almeida e Silva, natural de Braga, Portugal e de Escolástica Maria de Abreu, natural de Minas Gerais. Em 1819 veio à Província do Rio Grande a fim de comprar tropas de muares na vila de São Francisco de Paula<sup>4</sup> e por lá permaneceu. Deu início as suas atividades comerciais dedicando-se, primeiramente, a uma loja de fazendas. Posteriormente, destinou-se a outros empreendimentos como olaria, fábrica de sabão e velas de sebo, a navegação fluvial, criação de gado e uma charqueada, onde introduziu o então novo processo de destilação de graxa a vapor.

Ele também fez parte da vida política da Província como Vereador e em 1835 fez parte da 1ª Assembléia Provincial, em que se posicionou contra o presidente Antônio Fernandes Braga. Durante a República Rio-Grandense ocupou o cargo de Ministro do Interior e da Fazenda. Foi ainda Vice-presidente da República; General Quartel-Mestre; Deputado da Assembléia Constituinte e ajudou a redigir o estatuto da Constituição do novo Estado.

Com a assinatura da Paz de Ponche Verde, regressou para Pelotas a fim de reconstruir sua vida e suas economias, que foram desfalcadas durante o período da guerra e deu continuidade a sua vida pública sendo Vereador, Juiz de Órfãos e Coronel da Guarda Nacional.

Almeida era casado com Bernardina Barcellos de Lima, filha de Bernardino Rodrigues Barcellos, um dos primeiros e mais prósperos charqueadores de Pelotas, e de Maria Francisca da Conceição. Faleceu em Pelotas, no dia 17 de Maio de 1846 e junto a Almeida teve 13 filhos. Domingos José de Almeida faleceu em Pelotas no dia 06 de Maio de 1871, já viúvo e na idade de setenta e quatro anos<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Pelotas.

<sup>5</sup> ROSA, Othelo. *Vultos da Epopéia Farroupilha*. Porto Alegre: Globo, 1935, pp.103-110. / CUNHA, Zeferino José da. *Apontamentos para a história da Revolução de 1835: Biographia de Domingos José de Almeida*. Pelotas: Typographia da Livraria Americana, 1902. / NEVES, Ilka. *Domingos José de Almeida e sua descendência*. Porto Alegre: EDIGAL, 1987. / LESSA, Barbosa. Porto Alegre: Tchê!, 1985, 2 ed. / SPALDING, Walter. *Construtores do Rio Grande do Sul*. I Volume. Porto Alegre: Editora Sulina, 1969, pp. 177-182.

Juntamente com a família deste charqueador, destaca-se entre a elite farroupilha a família do comerciante Antônio Vicente da Fontoura<sup>6</sup>. Nascido a 08 de Junho do ano de 1807, na vila de Rio Pardo. Era filho do agrimensor Euzébio Manoel Antonio, natural da freguesia de Nossa Senhora do Socorro de Lisboa, Portugal, e de Vicência Cândida da Fontoura, natural de Rio Pardo. Aprendeu as primeiras letras em Rio Pardo e posteriormente, foi trabalhar em uma casa de comércio na mesma vila, colocação arrumada por seu pai. Mais tarde seguiu para a vila de Cachoeira onde se empregou como caixeiro.

Nos fins de 1829, iniciou negócio próprio na mesma vila e neste mesmo período casou-se com Clarinda Francisca Porto. Contudo, seus negócios passaram por dificuldade, mas, superada a crise, acabou por tornar-se um grande comerciante, não só de fazendas, secos e molhados, como de couros, erva-mate e gado.

Na mesma época em que abriu negócio por conta própria, Fontoura iniciara sua vida pública: foi eleito Vereador da Câmara Municipal de Cachoeira. Mais tarde assumiu outros encargos públicos, como também militares. Finda a guerra dos Farrapos, regressou a Cachoeira com a finalidade de reconstituir suas economias e retornou a vida política ao lado de seu cunhado, o General José Gomes Portinho. Nesse período ocupou o cargo de Chefe do Partido Santa Luzia (liberal) e foi eleito Presidente da Câmara Municipal de Cachoeira.

Em 1860 tinham de ser renovados os mandatos dos Vereadores e Juizes de Paz de Cachoeira. No dia 08 de Setembro participava da mesa Antônio Vicente da Fontoura, como um dos candidatos, quando, após uma confusão durante o pleito, foi esfaqueado pelo liberto Manoel Pequeno. Em consequência do ferimento recebido, veio a falecer no dia 20 de Outubro de 1860.

Antônio Vicente da Fontoura casou-se, em fins de 1829, com Clarinda Francisca Porto, filha do Tenente José Gomes Porto e Luzia Francisca de Almeida e juntos tiveram 14 filhos.

A escolha por estas famílias se deu porque elas deixaram uma documentação de grande importância por sua qualidade e raridade, permitindo estudar os aspectos internos da

---

<sup>6</sup> DIÁRIO DE ANTÔNIO VICENTE DA FONTOURA. Porto Alegre: Sulina/ Martins, Caxias do Sul: EDUCS, 1984. / ROSA, Othelo. *Vultos da Epopéia Farroupilha*. Porto Alegre: Globo, 1935, pp.145-153./ ANTUNES, Paranhos. *Antônio Vicente da Fontoura: o Embaixador dos Farrapos*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1935./ SPALDING, Walter. *Construtores do Rio Grande*. III Volume. Porto Alegre: Editora Sulina, 1973, pp.87-92./ GUIMARÃES, José Pinto da Fonseca; FELIZARDO, Jorge Godofredo. *Genealogia Riograndense*. Volume I. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

família, ajudando a entendermos a sociedade do oitocentos no Rio Grande do Sul, tanto no âmbito social como no econômico. Além disso, a opção pela elite agrária sul-rio-grandense do século XIX e seus sujeitos como objetos desta pesquisa, vem ao encontro com o que afirma Revel:

A escolha do individual não é vista aqui como contraditória à do social: ela deve tornar possível uma abordagem diferente deste, ao acompanhar o fio de um destino particular – de homens, de um grupo de homens – e, com ele, a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a medida das relações nas quais ele se inscreve<sup>7</sup>.

Domingos José de Almeida e Antônio Vicente da Fontoura, juntamente com suas famílias, são expoentes de um grupo dominante que atuava simultaneamente em diferentes atividades, buscando o prestígio e a manutenção de seus bens materiais e simbólicos<sup>8</sup>. Para isto, se utilizavam de alianças matrimoniais e da construção de redes de relações e solidariedade<sup>9</sup>, como também da atuação profissional. Destaca-se também a importância da alfabetização na vida destes sujeitos, já que era com a ajuda da escrita que se fazia saber de diversas situações familiares.

A escritura de uma carta está sempre submetida ao código sócio-cultural de sua época. As correspondências são um objeto de escrita que está no domínio das representações, por isso a importância de percebê-las em seu contexto. A escrita e/ou a leitura de uma carta é um comportamento que tem a intenção de estabelecer ou manter uma comunicação com o outro, uma relação intersubjetiva, porque deve haver um código, um entendimento em comum entre quem a recebe e quem a escreve, para abolir as distâncias de todas as ordens.

*Em escrita de si, escrita da História*<sup>10</sup>, Ângela de Castro Gomes apresenta-nos em seu prólogo, uma análise a respeito da correspondência pessoal. Ela nos fala sobre o quanto este

---

<sup>7</sup> REVEL, Jacques (org). *Jogos de Escalas*. A experiência da microanálise. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp.21.

<sup>8</sup> LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

<sup>9</sup> Neste caso, formadas por grupos de relações (familiares, amigos, vizinhos, aliados) que davam suporte quando se necessitava de ajuda material e de outros cuidados e favores.

<sup>10</sup> GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ato está constituído do individualismo moderno e reforça a idéia de Mireille Bossis<sup>11</sup> sobre a escrita de si ser uma prática cultural e que há subjetividade de quem escreve, pois o autor escreve “sua” verdade. Dessa forma, é necessário estar ciente do contexto em que estas correspondências estão inseridas e conhecer seus sujeitos.

Neste caso, temos a correspondência entre dois homens Antônio Vicente da Fontoura e Domingos José de Almeida com suas esposas, respectivamente, Bernardina Barcellos de Almeida e Clarinda Porto da Fontoura, que faziam parte da elite farroupilha. Estas correspondências foram escritas em meio à Guerra dos Farrapos, sendo assim, escritas em acampamentos militares ou em casas de abrigo. Tinham como objetivo transmitir e pedir notícias dos familiares e amigos. Eram enviadas quando tivesse portador que fosse ter contato com quem a carta estivesse endereçada, mesmo assim, havia um grande volume de cartas e elas eram constantes. As correspondências entre estes casais trazem tanto temas cotidianos e familiares, como informações políticas e sobre a situação da guerra. A linguagem e o vocabulário mostram grande afetividade entre os casais, além de cumplicidade, confiança e parceria. Por serem raras, estas cartas não podem ser comparadas a outras correspondências do período e nem se são formas comuns ou especiais. Contudo, muito de sua estrutura se mostra de acordo com alguns modelos descritos de correspondências familiares do século XIX, modelos vindos da Europa<sup>12</sup>.

As correspondências entre Domingos José de Almeida e Bernardina Barcellos de Almeida<sup>13</sup> estão preservadas no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul e foram publicadas nos Anais do mesmo<sup>14</sup>, compilados em 14 volumes. Já as cartas de Antônio Vicente da Fontoura<sup>15</sup> encontram-se no Museu Júlio de Castilhos e foram publicadas, primeiramente, de forma parcial por Alfredo Ferreira Rodrigues em seu Almanaque Literário e estatístico do Rio Grande do Sul<sup>16</sup>, e de forma integral na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio

---

<sup>11</sup> BOSSIS, Mireille. Introduction. IN: BOSSIS, Mireille (dir.). *La lettre à la croisée de l'individuel et du social*. Paris: Éditions Kimé, 1994, pp.09- 13.

<sup>12</sup> DAUPHIN, Cécile. Letter-Writing Manual in the Nineteenth Century. IN: CHARTIER, Roger; BOUREAU, Alain; DAUPHIN, Cécile (org.). *Correspondence: Models of letter-writing from the Middle Ages to the Nineteenth Century*. Translated by Christopher Woodall. Oxford: Polity Press, 1997, pp.112-157.

<sup>13</sup> No número de 75, escritas entre 03 de Fevereiro de 1836 a 27 de Dezembro de 1841.

<sup>14</sup> Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AAHRS), 14 volumes. Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

<sup>15</sup> No número de 310, escritas entre 1º de Janeiro de 1844 a 22 de Março de 1845.

<sup>16</sup> DIÁRIO DE ANTÔNIO VICENTE DA FONTOURA. Porto Alegre: Sulina/ Martins, Caxias do Sul: EDUCS, 1984, pp.05.

Grande do Sul<sup>17</sup>. No ano de 1984 as correspondências foram publicadas em forma de diário, conjuntamente, pelas editoras da Universidade de Caxias do Sul, Sulina e Martins Livreiro.

A análise das correspondências entre a elite farroupilha nos mostra que havia uma grande relação de confiança e parceria entre os casais estudados, mostrando sua vontade de reciprocidade. Estes casais, que formavam uma “entidade”, pois eles não eram apenas marido e mulher, eram um casal de confidentes e amigos, demonstravam nas cartas uma grande ligação entre si e uma preocupação com o estado de saúde de ambos e seus familiares, colocando a família como centro de preocupações e responsabilidades por parte dos que se encontravam na guerra e dos que ficaram junto de suas famílias. Havia também a preocupação com o bem estar e o desejo do casal para que acabasse a guerra a fim destes viverem juntos novamente. As cartas mostram homens que esperavam viver com seus entes queridos em paz e a guerra é justificada como a garantia de um futuro bem estar para a família. A guerra, então, passa a ser vista como uma “vilã”, um sacrifício para que se obtenha uma melhor existência e, por sua causa, casais foram separados, famílias foram desmembradas e o medo de que algo pudesse acontecer aos seus familiares passa a estar presente em todos os momentos da vida dessas pessoas. As cartas podiam se apresentar como uma prova de que quem as escrevia estava disposto a dedicar seu tempo, em meio à guerra, para dirigir-se a quem estavam destinadas. Elas podiam apresentar emoções profundas, ainda mais entre os já casados<sup>18</sup>.

As correspondências nos apresentam diferentes temáticas tratadas pelos casais analisados, entre elas, pedidos de notícias sobre bem-estar, negócios, detalhes sobre a vida das crianças. A sua leitura nos revela momentos de apreensão, indignação, raiva e afeição familiar, dispostas muitas vezes como uma conversa espontânea. Algumas outras vezes, estas correspondências parecem incorporar uma fórmula em sua construção. Porém como afirma Peter Gay:

Uma vez que alguém adquire conhecimento suficiente e experiência do mundo, as fórmulas usadas para agradar os outros se tornam uma segunda natureza, tão automáticas que não exigem hesitação ou reflexão. Contudo,

---

<sup>17</sup> Ibidem, idem.

<sup>18</sup> Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. 1977. Porto Alegre: Editora Instituto Estadual do Livro DAC/ SEC, v.02, C.V. 163, pp.134.

isso não significa que uma fórmula habitual seja um gesto de hipocrisia, uma emoção manipulada<sup>19</sup>.

Através das correspondências trocadas por estes casais nota-se também a existência de um certo culto à masculinidade, onde há fortemente traços dos ideais de auto-sacrifício e de coragem, que, como se verificou nas cartas analisadas, não se aplicam somente aos homens. Em um período como este, de guerra e incertezas, provavelmente os ideais acima referidos acabaram se tornando quase que obrigações mútuas. Estas mulheres deveriam mostrar-se fortes e valorosas. Elas mulheres não deveriam ter apenas habilidades domésticas, graças sociais e bom caráter. Era preciso também competência na administração dos bens do casal, que acabavam por ficar sob seu comando, já que os homens estavam nas batalhas. Essas mulheres certamente não assumiram este tipo de posição sem um conhecimento prévio do funcionamento das suas propriedades. E ao tratarmos de um período de guerra, era necessário também que estas mulheres soubessem viver seus revezes<sup>20</sup>.

Contudo, não só da administração dos bens móveis e dos bens de raiz se responsabilizavam as mulheres, o mesmo acontecia na administração e transporte dos escravos. Estes casais e mulheres representam tantos outros desta mesma elite, que viveram esta mesma guerra, sofreram com ela e encontraram ajuda entre amigos e a comunidade em que viviam.

Estas relações comunitárias possibilitaram a mobilidade de muitos homens, mulheres e suas famílias quando ameaçadas por tropas inimigas. Ao evidenciarem a aproximação de forças adversárias, as mulheres partiam para outros lugares considerados mais seguros, não descartando as casas de familiares e amigos. Bernardina Barcellos de Almeida, durante o período das batalhas, dirigiu-se à Feliz Retiro, Pedras Altas, Chuí, Caçapava, Bagé, entre outros locais, a fim de manter aos seus filhos e a si protegida e o mais próximo possível de

---

<sup>19</sup> GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: O Coração Desvelado*. Tradução Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, vol.04, pp.357.

<sup>20</sup> DIÁRIO DE ANTÔNIO VICENTE DA FONTOURA. Porto Alegre: Sulina/ Martins, Caxias do Sul: EDUCS, 1984, pp. 33./ DIÁRIO DE ANTÔNIO VICENTE DA FONTOURA. Porto Alegre: Sulina/ Martins, Caxias do Sul: EDUCS, 1984, pp. 63./ Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. 1977. Porto Alegre: Editora Instituto Estadual do Livro DAC/ SEC, v.02, C.V. 206; pp. 182-183./ Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. 1977. Porto Alegre: Editora Instituto Estadual do Livro DAC/ SEC, v.02, C.V. 206; pp. 162-165./ Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. 1977. Porto Alegre: Editora Instituto Estadual do Livro DAC/ SEC, v.02, C.V. 191; pp.165-166.



seu marido Domingos de Almeida. Clarinda Porto da Fontoura também se deslocou entre os lares de alguns familiares e amigos. Os filhos eram uma questão freqüente nas cartas. Havia uma preocupação genuína com a vida destes e com algumas questões que envolviam o seu cotidiano.

Domingos de Almeida, que sempre teve a educação como uma de suas metas e destacou parte de seu tempo como Ministro do Interior na criação das denominadas escolas de primeiras letras para a Província, demonstrou, em algumas cartas, grande preocupação com a educação de seus filhos<sup>21</sup>.

Nesta época a alfabetização realizava-se de modo individual, embora anteriormente houvesse o método Lancaster de alfabetização em grupo, que acabou por fracassar devido ao despreparo dos professores, já que não havia nem mesmo uma escola para a formação destes. Para tornar-se professor era necessário apenas prestar um exame diante de uma banca composta pelos vereadores municipais. Para obter maior instrução era preciso buscá-la fora da Província ou em seminários<sup>22</sup>. Estas cartas nos dão a idéia de que havia participação na preparação para a vida adulta dos filhos, assim como uma grande preocupação com o planejamento do futuro destes, pois a alfabetização podia ser um importante elemento na vida desta elite sul-rio-grandense, já que possibilitava a ascensão sócio-profissional e até mesmo política. Além disso, as transformações institucionais e jurídicas ocorridas no século XIX, que ampliaram as posições políticas e econômicas, fizeram com que a elite se reorganizasse para dedicar-se a vários campos e atividades (alguns seguiram as mesmas atividades dos pais) e a educação passou a ser requisito básico para a atuação em diversos campos.

E não foi somente a educação que contribuiu para a ampliação deste grupo. Os filhos também eram de grande importância na formação de alianças parentais, pois “os casamentos permitiam, assim, que a família solidificasse sua atuação em determinado campo e estendesse sua presença para outros”<sup>23</sup>. Em sua tese, Luís Augusto Farinatti nos apresenta o campo de relações em que estavam inseridos sujeitos pertencentes à elite agrária fronteiriça. Ele

<sup>21</sup> Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. 1977. Porto Alegre: Editora Instituto Estadual do Livro DAC/ SEC, v.02, C.V. 191; pp.165-166. / Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. 1977. Porto Alegre: Editora Instituto Estadual do Livro DAC/ SEC, v.02, C.V. 198; pp. 229. / Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. 1977. Porto Alegre: Editora Instituto Estadual do Livro DAC/ SEC, v.02, C.V. 439; pp.341.

<sup>22</sup> FLORES, Moacyr. *Modelo Político dos Farrapos: as idéias políticas da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. 4 ed. pp. 35-36.

<sup>23</sup> FARINATTI, Luís Augusto Ebling. *Confins Meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na Fronteira Sul do Brasil (1825-1865)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. PPG – História Social, 2007 (tese de Doutorado).

constatou em sua pesquisa que as famílias da elite auxiliavam a formação dos filhos, como também suas atividades e casamentos. Um dos sujeitos de sua análise foi Bento Manuel Ribeiro<sup>24</sup>, militar e estancieiro que lutou algumas vezes ao lado dos farroupilhas (1835-1845) e que compartilhou o cotidiano de guerra de Domingos José de Almeida e de Antônio Vicente da Fontoura.

A pesquisa de Farinatti se junta a outras que foram feitas sobre o Rio Grande do Sul, tanto do século XVIII quanto do XIX, e por mais que não possuam a mesma temática, usaram as organizações familiares para esclarecer a sociedade e os grupos com os quais trabalharam<sup>25</sup>. Isto demonstra que as relações familiares da elite farroupilha são uma porta de entrada ao entendimento da sociedade do século XIX, pois a família neste período tinha uma posição dominante como uma instituição social, comercial e política.

### **Fontes impressas**

ANAIS DO ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL, (AAHRS – Coleção Varella), 14 volumes. Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

DIÁRIO DE ANTÔNIO VICENTE DA FONTOURA. Porto Alegre: Sulina/ Martins, Caxias do Sul: EDUCS, 1984.

### **Referências Bibliográficas**

ANTUNES, Paranhos. *Antônio Vicente da Fontoura: o Embaixador dos Farrapos*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1935.

---

<sup>24</sup> Ibidem, idem.

<sup>25</sup> SENNA, Adriana K. de. *A instituição matrimonial: os casamentos em Rio Grande (1889-1914)*. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2001./ AREND, Silvia M. F. *Amasiar ou casar? A família popular no final do século XIX*. Porto Alegre: Editora Universidade/ UFRGS, 2001./ GIL, Tiago Luís. *Infiéis Transgressores: os contrabandistas da fronteira (1760-1810)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPG – História Social, 2002 (dissertação de Mestrado)./ HAMEISTER, Martha Daisson. *O Continente do Rio Grande de São Pedro: os homens suas redes de relações e suas mercadorias semoventes*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. PPG - História Social, 2002 (dissertação de Mestrado)./ KÜHN, Fábio. *Gente da Fronteira: Família, sociedade e poder no sul da América Portuguesa – século XVIII*. Niterói: Universidade Federal Fluminense. PPG - História Moderna, 2006 (tese de Doutorado).

AREND, Sílvia M. F. *Amasiar ou casar? A família popular no final do século XIX*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2001.

BOSSIS, Mireille. Introduction. IN: BOSSIS, Mireille (dir.). *La lettre à la croisée de l'individuel et du social*. Paris: Éditions Kimé, 1994, pp.09- 13.

CUNHA, Zeferino José da. *Apontamentos para a história da Revolução de 1835*: Biographia de Domingos José de Almeida. Pelotas: Typographia da Livraria Americana, 1902.

DAUPHIN, Cécile. Letter-Writing Manual in the Nineteenth Century. IN: CHARTIER, Roger; BOUREAU, Alain; DAUPHIN, Cécile (org.). *Correspondence: Models of letter-writing from the Middle Ages to the Nineteenth Century*. Translated by Christopher Woodall. Oxford: Polity Press, 1997, pp.112-157.

DEL PRIORI, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.

FARINATTI, Luís Augusto Ebling. *Confins Meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na Fronteira Sul do Brasil (1825-1865)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. PPG – História Social, 2007 (tese de Doutorado).

FERTIG, André Átila. *Clientelismo político em tempos belicosos: a Guarda Nacional na província do Rio Grande do Sul na defesa do Estado Imperial centralizado (1850-1873)*. Porto Alegre: PPG – UFRGS, 2003 (tese de Doutorado).

FLORES, Moacyr. *Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

FLORES, Moacyr. *Modelo Político dos Farrapos: as idéias políticas da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. 4 ed.

GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: O Cultivo do Ódio*. Tradução Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1988-1995, vol.03.

GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: O Coração Desvelado*. Tradução Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, vol.04.

GIL, Tiago Luís. *Infiéis Transgressores: os contrabandistas da fronteira (1760-1810)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPG – História Social, 2002 (dissertação de Mestrado).

GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GUIMARÃES, José Pinto da Fonseca; FELIZARDO, Jorge Godofredo. *Genealogia Riograndense*. Volume I. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

HAMEISTER, Martha Daisson. *O Continente do Rio Grande de São Pedro: os homens suas redes de relações e suas mercadorias semoventes*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. PPG - História Social, 2002 (dissertação de Mestrado).

HOEBEL, L. Adson, FROST, Everett L. *Antropologia Cultural e Social*. São Paulo: Cultrix, 1995.

KÜHN, Fábio. *Gente da Fronteira: Família, sociedade e poder no sul da América Portuguesa – século XVIII*. Niterói: Universidade Federal Fluminense. PPG - História Moderna, 2006 (tese de Doutorado).

LEITMAN, Spencer. *Raízes sócio-econômicas da Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

LESSA, Barbosa. Porto Alegre: Tchê!, 1985, 2 ed.

LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial*. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVIII. Tradução Cynthia Marques de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

NEVES, Ilka. *Domingos José de Almeida e sua descendência*. Porto Alegre: EDIGAL, 1987.

PADOIN, Maria M. *Federalismo Gaúcho*. Fronteira platina, Direito e Revolução. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

PESAVENTO, Sandra J. *A Revolução Farroupilha*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escalas*. A experiência da Microanálise. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

RIBEIRO, José Iran. *Quando o serviço os chamava: milicianos e guardas nacionais no Rio Grande do Sul (1825-1845)*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2005.

ROSA, Othelo. *Vultos da Epopéia Farroupilha*. Porto Alegre: Globo, 1935.

SENNA, Adriana K. de. *A instituição matrimonial: os casamentos em Rio Grande (1889-1914)*. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2001.

SPALDING, Walter. *A epopéia farroupilha*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1963.

SPALDING, Walter. *Construtores do Rio Grande do Sul*. I Volume. Porto Alegre: Editora Sulina, 1969.

SPALDING, Walter. *Construtores do Rio Grande*. III Volume. Porto Alegre: Editora Sulina, 1973.